

Viúva de Eduardo Mondlane em entrevista ao SAVANA

# Crise no Instituto Moçambicano ajudou-nos a definir melhor a nossa ideia de libertação

A viúva do primeiro Presidente da FRELIMO classificou o título de Doutora Honoris Causa em Ciências da Educação que foi atribuída esta semana pela UEM como um dos tributos mais valiosos à família Mondlane. Em entrevista exclusiva esta quarta-feira ao SAVANA, Janet Mondlane fala do Instituto Moçambicano, da Frelimo "romântica" dos anos 60 e das transformações que o partido sofreu com o tempo. Definindo-se não como fazedora de política, mas como admiradora de políticos, Janet disse que o sucessor de Guebuza não tem de ser necessariamente da "Geração 25 de Setembro". Pelo caminho, Janet Mondlane fez notar que a Frelimo deve ouvir as ideias da oposição para melhorar as suas próprias ideias. Siga as partes mais importantes da entrevista conduzida por Fernando Gonçalves.

Na última segunda-feira, a Universidade Eduardo Mondlane atribuiu-lhe o título de Doutora Honoris Causa em Ciências da Educação, em reconhecimento do seu trabalho na área de formação de moçambicanos desde o início da Luta Armada de Libertação Nacional. Que significado tem esta homenagem para si pessoalmente?

A homenagem significa o reconhecimento de tudo o que fiz ao longo da minha vida. É um grande prazer para mim, para a minha família, colegas, camaradas da luta armada de libertação nacional e todas as pessoas que directamente ou indirectamente trabalharam comigo ao longo deste tempo todo. Veja que ninguém faz alguma coisa sozinha. Não posso indicar os nomes das pessoas porque são muitas.

Considera que esta distinção é tudo quanto merece pelo seu trabalho e dedicação pela causa de Moçambique?

Para mim esta homenagem foi o máximo. Veja que além desta Honoris Causa, há mais coisas que foram feitas para a família Mondlane e que eu acho importante. Uma das coisas que considero grande prenda é a recuperação da aldeia natal de Eduardo Mondlane, Nwadjahane. Este para mim foi um gesto extraordinário para aquilo que é a valorização dos feitos da família Mondlane. A abertura e o funcionamento do Museu de Nwadjahane e a Fundação Eduardo Mondlane também representam um reconhecimento grande à família Mondlane.

Trinta e seis anos após a independência, não considera que a homenagem tenha vindo demasiado tarde, considerando ainda que a Universidade que lhe atribui



"A homenagem significa o reconhecimento de tudo o que fiz ao longo da minha vida", Janet Mondlane

esta honra ostenta o nome do seu marido?

Não, não, não... Receber um título de Doutora Honoris Causa não é como ganhar uma medalha no atletismo, ciclismo, natação ou de uma modalidade qualquer. No meu entender, Honoris Causa só vem quando uma pessoa é muito madura e tenha feito muitas coisas. Honoris Causa é uma prova de que de facto a pessoa viveu uma vida trabalhando e fazendo o melhor. Por isso, acho que dar Honoris Causa a um jovem (não estou contra) é uma aberração. Tem que ser uma pessoa em idade avançada, mas com muitos feitos.

## INSTITUTO MOÇAMBICANO

Durante a Luta Armada, sobretudo na década de 60, foi dirigente do Instituto Moçambicano implantado na Tanzânia, responsável pela educação e formação de moçambicanos. Fale-nos do que foi o Instituto Moçambicano.

O Instituto Moçambicano é uma ideia que nasceu da nossa preocupação — Eduardo (Mondlane), eu e outras pessoas — sobre a educação dos moçambicanos. Essa ideia tem as suas raízes no próprio colonialismo (português), que vedava o acesso dos moçambicanos ao ensino.

No período colonial, ao moçambicano negro sempre foi bloqueado o acesso à educação. Para mim, que cresci e vivi numa sociedade livre em que a educação era uma necessidade para todos e não uma honra ou privilégio, e depois olhar para um país como Moçambique, onde a educação para todos estava bloqueada, esta era uma grande preocupação.

Foi devido a esta ideia que decidimos que não, tínhamos que dar outra ideia à educação. O Eduardo (Mondlane) e eu, juntamente com outras pessoas, começamos a criar o Instituto

Moçambicano, que era no princípio uma escola secundária no sentido moçambicano. A ideia era prepararmos moçambicanos refugiados até atingirem um nível que lhes permitisse entrar numa escola que ficava ao lado do Instituto, que era patrocinada pelo African American Institute, onde se lecionava em inglês, e daí continuarem os seus estudos numa verdadeira escola secundária.

Escrevemos os nossos próprios livros, construímos dormitórios e salas de aulas; era uma escola completa. Esse apoio era dos países nórdicos. Mas desenvolvemos outras coisas; recebemos uma máquina de imprensa da Finlândia, que ainda funciona aqui na Imprensa Nacional. Era uma máquina do "último grito" na altura. Fizemos panfletos para a Frelimo e outras coisas desse tipo. Formamos assistentes médicos, enfermeiros, professores, e aumentamos as nossas actividades.

Depois houve dificuldades no Instituto Moçambicano e a escola secundária foi transferida para Bagamoyo, onde continuamos a trabalhar e alargamos o nosso trabalho para as zonas libertadas; escolas primárias e clínicas. Depois construímos um hospital em Mtwara, e estabelecemos um acampamento grande para mulheres e crianças em Tunduro. Podemos dizer que a nossa responsabilidade era todo o trabalho social ligado à FRELIMO.

Uma coisa muito interessante sobre o Instituto Moçambicano é que legalmente ele estava separado da FRELIMO. Nós tínhamos o nosso Conselho de Direcção, que eram altas personalidades da sociedade tanzaniana. Isso ajudou muito porque governos que não podiam ajudar um movimento de libertação, podiam ajudar o Instituto Moçambicano, e foi aí que começamos o nosso relacionamento com os países nórdicos e depois com a Holan-

da. Era um grande movimento de apoio à luta armada nos países nórdicos, depois na Europa e finalmente até atingir os Estados Unidos...

Era um trabalho muito duro. Mas aí é onde conheci muitas camaradas; (Joaquim) Chisano, (Armando) Guebuza, (Eduardo) Koloma, (Valeriano) Ferrão, Helder Martins, (Jorge) Rebelo, Daniel Mbanze (já falecido) e muitos outros. Foi uma experiência muito interessante; alguém terá de escrever a história sobre o Instituto Moçambicano.

Em 1968 o Instituto ficou mergulhado numa grave crise, que culminou com a morte de Eduardo Mondlane, em Fevereiro de 1969. Pode-nos falar desse momento?

Tenho uma coisa escrita sobre isso. O que é que aconteceu? Andávamos muito bem, até quando apareceram no nosso seio dois homens; o Padre Mateus Gwenjere e um outro padre belga (Poulé). Estes tinham a missão de criar distúrbios e destruir o trabalho social da FRELIMO. Eles mobilizaram os estudantes do Instituto. O

Instituto tinha um formato de "U", e este Padre Gwenjere ficou no meio do campo a gritar sobre "injustiças", que nós não estávamos a ensinar em inglês, que todos tinham que saber inglês, que estávamos a tentar bloquear a educação deles... oh! Muita coisa.

E os jovens, sendo jovens, e apoiados pelo Senhor Pastor Uria Simango... muito posso dizer sobre isso, mas vai levar um dia inteiro, e não vou falar.

Mas realmente criou graves problemas. Numa noite, a polícia foi para lá instigada pelo Simango para criar ainda mais distúrbios. Não posso contar tudo, porque é muito longa esta história. Em todo o caso, decidimos retirar todos os estudantes e colocá-los em Bagamoyo... conseguimos construir uma outra escola em Bagamoyo. A minha filha Nyeleti estudou lá.

Mas é um daqueles bens que vêm por mal. No momento senti-me muito mal, mas olhando para trás e depois de alguma reflexão, penso que foi bom que aquilo tenha acontecido. Não quero dar crédito ao Gwenjere, Poulé e Simango. Mas, acabou bem.

Porquê? Quer dizer que essa crise ajudou a FRELIMO a se definir com maior clareza?

Ajudou, ajudou. Pode pensar que era uma coisa negativa, mas ajudou-nos a definir melhor a nossa ideia de libertação e do que era necessário fazer para libertar Moçambique.

Que injustiças é que os insurrectos alegavam? Quais especificamente eram as suas reivindicações?

Às vezes utilizavam palavras que eram muito difíceis de definir na mente deles. Sabe que pode se utilizar palavras para instigar pessoas, promover uma ideia sem nenhuma especificidade, mas com objectivo único de instigar pessoas. "Injustiça"? Nós que estamos a tentar educar moçambicanos. Isso é injustiça?

## SITUAÇÃO SOMBRIA NA FRELIMO

Na sua carta, intitulada "Situação Sombria na Frelimo", Uria Simango descreve que elementos de uma tribo (supostamente do sul) reuniam-se em sua casa, supostamente para conspirar contra a então direcção da FRELIMO, sobretudo contra o próprio Uria Simango. Pode nos recordar um pouco desse episódio?

Não me lembro muito bem dessa história. Li a carta há muito tempo. Eu estou a escrever livros... isso vai aparecer num dos livros; estou a escrever o quarto agora, quando estiver a editar o quinto volume, que vai relatar aquela época, darei a minha opinião. Mas quando li entendi que havia muitas mentiras nesse documento.

Como é que caracteriza a Frelimo hoje, face àquela que ajudou a moldar durante a luta armada?

Há muitas diferenças. Naquela altura era um período que posso descrever de romântico. Não sei se a palavra romântico é a mais apropriada, mas éramos um grupo de pessoas com ideais comuns, que tinham uma causa. Ter uma causa é muito importante, eramos pouca gente e por isso estávamos muito juntos. Por isso o ambiente era do tipo de um movimento quase religioso. Não é possível aplicar hoje a maneira de ser que tínhamos lá; se continuássemos lá naquele período, diríamos que não nos desenvolvemos. É possível desenvolver-se, e a FRELIMO desenvolveu. Posso não concordar com todas as coisas, mas digo que em geral está a tentar movimentar-se para aqueles seus ideais. É por essa razão que naquela altura ouvia dizer que a FRELIMO nasceu em mim, e não posso sair. Tenho muito respeito pelos outros partidos, e muitas coisas que eles dizem, também tem que se analisar e decidir se o



Orlando Quilambo, reitor da UEM, assistindo a uma condecoração de Janet Mondlane

## Em jovens

## Moçambique testa vacina contra HIV

Por Salane Muchanga

Moçambique inicia este mês de Setembro o primeiro ensaio clínico de vacina contra HIV, no qual serão envolvidos 24 jovens voluntários dos 18 a 24 anos, HIV negativos e utentes do Serviço Amigo do Adolescente e Jovem do Hospital Central de Maputo (HCM).

Falando esta quarta-feira a jornalistas, o ministro da Saúde, Alexandre Manguela, explicou que o que se pretende nesta fase do ensaio é apenas testar se as vacinas ADN e MVA produzem ou não respostas de defesa contra o HIV ou como é que o organismo reage a este tipo de vacina.

O processo de desenvolvimento de uma vacina leva muitos anos e Moçambique está ainda a iniciar as primeiras fases que terão a duração de um ano e meio (veja caixa).

"Não poderemos afirmar efectivamente que a vacina é eficaz contra o HIV no fim da primeira e segunda fases do ensaio", alertou Ilesh Jani, director do Instituto Nacional de Saúde e um dos principais investigadores neste estudo.

As vacinas, produzidas na Suécia e Estados Unidos de América (EUA), já foram testadas na Tanzânia e Suécia com resultados "encorajadores", observou Manguela.

Contudo, Jani alertou a especificidade do vírus para cada região e cada país, e



Ainda não temos vacina contra HIV - Alexandre Manguela

explicou que os resultados obtidos na Tanzânia e Suécia podem não serem os mesmos no país dado que o vírus que circula nestes países não ser o mesmo em Moçambique.

Manguela fez notar que é importante o país participar em estudos para se descobrir vacinas contra o HIV com vista a se reduzir "drasticamente" a incidência do HIV no mundo. Estima-se que 11.5% dos cerca de 22 milhões de moçambicanos são seropositivos e que diariamente 350 pessoas ficam infectadas pelo HIV.

Ao fazer parte dos países empenhados na descoberta de uma vacina anti-HIV, Moçambique poderá ter acesso prioritário a uma eventual vacina caso seja aprovada, entre outros ganhos, como o incremento da capacidade científica nacional, explicou Manguela.

A pesquisa é desenvol-

vida pelo Instituto Nacional de Saúde e HCM. Estas instituições fazem parte de um consórcio internacional denominado Tanzânia and Mozambique Vaccine Program (TaMoVac). Inclui ainda Suécia, Alemanha, Inglaterra e EUA.

O estudo é financiado pela European and Developing Countries Clinical Trials Partnership (EDCTP) e governo da Suécia em cerca de 1.9 milhões de USD para o período 2008 a 2012. Desde 2008, o Instituto Nacional de Saúde treinou os técnicos e investigadores moçambicanos, adquiriu equipamento de laboratório, realizou estudo da incidência de HIV e outros vírus sexualmente transmissíveis no HCM.

Manguela apelou aos jovens que serão envolvidos no projecto, bem como a população no geral, a continuar a prevenir-se contra

o HIV, tendo em conta que ainda não existe uma vacina contra o vírus, muito menos medicamentos para a cura do SIDA.

## FASES DO ENSAIO CLÍNICO

**Fase I** - avalia-se a segurança da vacina que é testada em um número reduzido de voluntários, geralmente 10 a 50.

**Fase II** - determina-se se a vacina aumenta a imunidade do organismo. Testa-se entre 50 e 100 voluntários.

**Fase III** - determina-se a eficácia da vacina, isto é, a capacidade que a vacina tem de prevenir a infecção ou doença. Avalia-se em mais de 1000 voluntários.

**Fase IV** - autoriza-se o uso da vacina em determinadas populações e continua-se a fazer a observação dos efeitos colaterais.



que eles dizem corresponde à verdade ou não. Mas temos de ouvir as ideias da oposição para melhorar as nossas próprias ideias. E penso que é isso que estamos a fazer. Tenho muito orgulho do que conseguimos fazer desde a independência, em pouco tempo.

Mas há gente dentro da Frelimo que defende a ideia de que o partido tornou-se menos crítico em relação a si próprio. Partilha desse ponto de vista?

Isso é muito possível. Mas eu não sou bem uma pessoa política; sou admiradora das pessoas que participam na política porque sei que é uma tarefa muito dura. Mas sem crítica não podemos crescer.

Sendo alguém que conhece a Frelimo desde a sua criação, qual é a maior crítica que faz hoje ao partido?

Não tenho nenhuma crítica neste momento. Talvez porque num país tão jovem, eu estou a olhar para o mundo inteiro. Se olhar para o que se passa no mundo, é uma tristeza; em grande parte do mundo, as pessoas estão a lutar para ter aqueles direitos que nós já

conquistamos. Por isso, talvez devido a esses movimentos no mundo tenho receio de criticar a Frelimo. Eu estou orgulhosa da Frelimo que temos.

Quando ainda muito jovem, decidi abandonar o conforto dos Estados Unidos e envolver-se numa luta que tinha um desfecho quase incerto. Fazia-o por um ideal. Sente que esse seu ideal, esse sonho, foi realizado e continua a ser valorizado?

Sobre isso não tenho a mínima dúvida. Algumas coisas têm de andar mal, porque o povo é composto de várias ideias e situações sociais e económicas. Há muita pobreza no nosso país, mas vencer a pobreza depende de todos nós; não podemos ter crianças que estudam sentadas no chão porque a escola não tem carteiras. Não depende do governo estar sempre a dar. O moçambicano tem de agarrar o seu próprio desenvolvimento e sair da pobreza. Penso firmemente que o moçambicano tem de ficar de pé, trabalhar e sair dessa pobreza.

Não pensa que a ausência do envolvimento das pessoas nessa luta contra a pobreza resulte também da falta de uma direcção política clara,

que motive as pessoas a se envolverem?

Às vezes é preciso ter muita imaginação; precisamos de nos levantar e caminhar. Não é fácil, mas é a única alternativa para vencer a pobreza.

Depois de ter ajudado a libertar Moçambique do jugo colonial, qual é o seu maior sonho?

Que toda a gente tenha comida suficiente, habitação, educação completa para os seus filhos, que Moçambique se tome mais livre de doenças. Que tenhamos melhores condições de tratar pessoas que estejam doentes. Sonho ver um Moçambique com um bom desenvolvimento humano.

No próximo ano realiza-se o décimo congresso da Frelimo. O presidente Guebuza termina o seu segundo e último mandato, e obviamente que no Congresso a Frelimo procurará encontrar o seu futuro candidato à Presidência da República. Considera que efectivamente já se fechou o ciclo em relação a candidatos da geração do 25 de Setembro?

O Presidente Armando Guebuza é meu amigo pessoal. Trilhamos juntos nessa longa

e sinuosa caminhada desde a Tanzânia; conheço-o muito bem e confio muito nele. Será que poderei eu confiar pessoalmente numa outra pessoa que não era meu camarada na luta armada? Isso não posso responder, mas digo uma coisa: as gerações mudam; as pessoas envelhecem, e nós não queremos pessoas que ficam no poder para a eternidade. Temos que mudar, e nós os mais velhos temos de nos conformar. Agora, a confiança que eu tenho sobre a Frelimo é tal que acredito que no congresso eles vão escolher alguém capaz. Mas tenho que esperar para ver quem é essa pessoa para poder dar a minha opinião.

Eu posso pensar em muitos, e de certeza que estão lá. Não tem necessariamente que ser desta geração do 25 de Setembro; há pessoas. O que é muito interessante é que às vezes nos rimos, porque os nossos antigos camaradas, referem-se aos que têm mais de quarenta anos, dizendo: "esses jovens, esses miúdos", Meu Deus, são pais de cinco ou mais filhos. Não é?

Mas eu confio, porque o processo político encarrega-se de fazer a filtração. Vai sair muito bem, e disso tenho certeza.

## Resumo Semanal

## BANCO ÚNICO INAUGURA EDIFÍCIO SEDE

O Banco Único inaugurou nesta quarta-feira o seu edifício Sede na zona nobre da capital moçambicana, depois de abrir recentemente duas agência uma em Maputo e outra na Matola. O acto da inauguração foi presidido pelo Primeiro-Ministro, Aires Ali. Com um capital social de USD20 milhões e com perspectivas de dobrar esse valor até ao final do ano, o Banco Único é o 16º a operar em Moçambique. Tem como accionistas de referência a Américo Amorim e a Visabeira, ambos portugueses. O Instituto Nacional de Segurança Social (INSS) e a Rural Consult destacam-se entre os accionistas moçambicanos. O banco é presidido por João Figueiredo antigo PCE do millennium bim, o maior banco comercial moçambicano.

## VIATURAS LIGEIRAS PROIBIDAS DE ACEDER AO RECINTO PORTUÁRIO

Uma nova medida de segurança que impede viaturas ligeiras de acederem ao Porto de Maputo através do Portão 1, junto à Brigada Montada, entra em vigor nesta quinta-feira, 15 de Setembro.

Segundo uma nota do Porto de Maputo, a campanha de divulgação das regras de acesso ao recinto portuário, incluindo procedimentos dentro do porto, durou três meses, dando, desta forma, um período de adaptação aos utilizadores que se servem do Portão 1 para aceder ao Porto.

Os gestores do Porto notam que a segurança tem sido, desde o início da concessão, uma área prioritária para o Porto de Maputo.

"Apesar do rígido controle de entradas e saídas no Porto, continuam a verificar-se diversas irregularidades que não só põem em causa a segurança das operações, como impedem que o Porto de Maputo esteja em conformidade com determinadas credenciações de segurança internacionais", sublinham.

Entre outras medidas, as regras impedem a entrada e saída de viaturas ligeiras pelo portão 1 (Brigada Montada), junto ao Hospital José Macamo, ficando este reservado às viaturas pesadas.

A Companhia de Desenvolvimento do Porto de Maputo (Port Maputo) é uma empresa privada, nacional, que resulta da parceria entre os CFM, Gridind e DP World.

## BIM ASSINA PROTOCOLOS

O Millennium bim rubricou nesta quarta-feira dois protocolos com o Ministério das Obras Públicas e Habitação e o Ministério da Justiça, num esforço para fortalecer as suas relações junto da Função Pública.

A cerimónia de assinatura do protocolo com o ministério da Justiça contou com a presença de Alberto Nkumula, Vice-Ministro da Justiça, Teotónio Comiche e António Gomes Ferreira, Administradores do Millennium bim.

Segundo uma nota do maior banco comercial do país, este protocolo oferece ao Ministério e aos seus funcionários vantagens no acesso a produtos e serviços específicos do Banco. "O Millennium bim através deste protocolo de cooperação pretende dar uma oferta mais completa, competitiva e exclusiva dirigida aos Ministérios e aos Funcionários Públicos, tanto no que se refere a produtos financeiros em concreto, como no que diz respeito ao acompanhamento prestado pelos Gestores de Clientes", afirma Teotónio Comiche, Administrador do Millennium bim.

## AT TRABALHA COM RELIGIOSOS

A Autoridade Tributária (AT) de Moçambique assinou esta quarta-feira, em Maputo, um memorando de intenções com confissões religiosas, no âmbito da implementação do Projecto de Educação Fiscal e Aduaneira e população de Imposto. Durante a cerimónia, Gonçalves Mandava, director geral adjunto do Gabinete do Planeamento Estudos e Cooperação Internacional e Rosemin Faquir, directora de Política Tributária, proferiram uma palestra com o tema "Código de benefícios Fiscais e Matriz das Isenções para as Confissões Religiosas". O evento contou com a presença da ministra da Justiça Benvidua Levi, governadora da província de Maputo, Maria Jonas, David Simango, presidente do Conselho Municipal.